Lance Maior, primeiro longa-metragem do crítico e documentarista Silvio Back

PARANÁ - PRIMEIRO LANCE

Christo Dikoff

Analisarmos a posição do cinema paranaense, ante o desenvolvimento qualitativo e quantitativo da produção nacional, seria tomarmos uma posição sarcástica e irreverente, isto porque nos encontrávamos até pouco tempo atrás em um primitivo estado de produção e criação. As causas geradoras desta nossa estagnação são de caráter essencialmente econômico, falta de apoio local e outras situações que condicionam nossa produção cinematográfica. O Paraná deu alguns passos concretos, porém foram manifestações que permaneceram no ostracismo por não seguirem o processo desenvolvimentista de centros mais evoluídos como Rio e São Paulo.

Embora sejamos possuidores de um subdesenvolvido patrimônio histórico, registramos algumas experiências que se constituíram em importantes fatos no cinema brasileiro. Aníbal Requião, um dos precursores do cinema no Brasil, realizou em 1908/9 a filmagem de uma

viagem ferroviária (Curitiba-Paranaguá) e, durante a exibição do filme, constatamos um fenômeno até cômico, se comparado ao progresso técnico cinematográfico, por seu caráter primitivo. Requião havia improvisado a sonorização do filme durante sua projeção escondendo por trás da tela materiais que dessem o mesmo efeito sonoro do barulho de um trem, o que resultou, conforme espectadores da época, num excelente efeito e de fundamental importância histórica. E assim, sonorizou-se, primitivamente, a primeira experiência fílmica paranaense. E nossa subdesenvolvida epopéia cinematográfica partiu daí. Em 1927 Arthur Rogge passou por Hollywood comprando equipamento necessário para a realização de longas-metragens em Curitiba, porém por motivos desconhecidos, cedeu todo seu material a Atlântida do Rio. João Batista Groff foi o primeiro documentarista a filmar as cataratas do Iguaçu, impressionando Rio e São Paulo, e também documentou a revolução de 1932. Eugenio Félix surgiu em Curitiba em 1940, construindo o primeiro laboratório com som no Paraná. Em 1950, época da ascensão da Vera Cruz, foram preparados diversos projetos de longa-metragem: "O Solar Abandonado", de Oscar Kolber, "Rosalinda", de Guido Padovani, "Veralinda", de Carlos Ortiz, "O Crime de Vossoroca", de Arsênio Moreira Pabst, "Seu Último Segrêdo", de Dimitri Kosemiakins. Registramos, ainda, em nosso movimento cinematográfico visitas de gaúchos, cariocas e paulistas que vieram filmar documentários de caráter administrativo e belezas turísticas.

Leonel Moro é uma das personalidades mais discutidas e respeitadas no cenário cinematográfico paranaense. Professor de física, amante da sétima arte, inventor do "Moroscope" — processo de lentes anamórficas — colocou sua descoberta na prática do documentário **Curitiba Cidade-Sorriso.** Moro é merecedor de atenção pela coragem de realizar o primeiro longa-metragem no Paraná, **O Círculo Perfeito**, policial filmado em Vila Velha, Florianópolis, Curitiba e Paranaguá. Qualitativamente o filme nada representa. Apenas registramos a fôrça de vontade de seu autor, que realizou um longa-metragem com seus próprios recursos. Mais tarde, o "decór" paranaense inspira uma equipe paulista a realizar **O Diabo de Vila Velha**, explorando a turística Vila Velha com um medíocre filme de aventuras. E considerando as possibilidades de fazer um filme no mesmo gênero com financiamento local, Carlos Eugenio Contrim, realiza **Maré Alta**, pretensiosa fita de aventuras, valorizando diversos técnicos e atôres locais. Mas o Paraná ganhou muito com a vinda de Mauro Alice, montador das obras mais representativas de Khouri (**Na Garganta do Diabo**, todo filmado em Foz do Iguaçu, **Noite Vazia** e **Corpo Ardente**). Mauro chegou no Paraná em fins de 1966, realizando uma série de documentários para a Produções Cinematográficas Guaira, produtora especializada em cinejornais e documentários. Sua vinda foi de fundamental importância para nosso Estado. Outro importante fato a ser registrado foi a iniciativa de Frei Gabrielângelo, vigário da paróquia de Siqueira Campos, interior do Paraná, e Joraci Garanhaim, na produção de um filme religioso em côres, longa-metragem, 16 milímetros, com atôres locais.

E aí encontra-se registrado todo nosso passado cinematográfico, que além de algumas contribuições críticas de nível profissional estruturadas por jovens entusiastas como Lelio Sotto Maior Jr., Aramis Millarch, Rogério Bonilha, Francisco Camargo, Manoel Carlos Karam, Estevão Rainier Von Harbach e Friederich Fullgraf, é ainda preenchida por experiências cinematográficas esporádicas de caráter experimental, onde destacamos os nomes do professor Kosak, da Faculdade de Filosofia, e do acadêmico de Direito, Mário Frederico Kremer, na realização de um curta-metragem de ficção.

Um cinema pobre, completamente desapoiado, sofreu em 1957, com o incêndio do edifício dos Diários Associados, onde se localizava a sede da Cinemateca Brasileira, uma enorme perda. O Paraná doara à Cinemateca um vasto levantamento fílmico de sua história, entre cinejornais e documentários — com episódios de sua história — e tudo se perdeu. Esta é a grande mágoa do paranaense.

Com **Lance Maior** de Silvio Back, o Paraná rompe as barreiras de uma cinematografia tímida e provinciana, lançando-se satisfatòriamente no panorama nacional. Seu diretor, Silvio Back, é a figura mais ativa do movimento cinematográfico curitibano. Crítico, ensaísta, Silvio passou por tôdas as etapas da experiência crítico-teórica (colaborou com críticas no jornal "Estado do Paraná", editou ensaios sôbre o cinema tcheco e o cinema paranaense) e passou à prática através de documentários de caráter educativo e informativo (**As Moradas, Vamos nos Vacinar, Curitiba Amanhã, Os Imigrantes** e **Festival**). Com uma equipe de profissionais de primeira qualidade, Helio Silva na fotografia. Reginaldo Faria, Regina Duarte e Irene Stefânia nos papéis centrais, **Lance Maior**, embora não represente nenhuma inovação no cinema brasileiro, constitui o grande salto do cinema do Estado. Ao contrário de **O Círculo Perfeito** e **Maré Alta, Lance Maior** resultou em um filme sério. Sua seriedade é visível na crítica que o cineasta desenvolve a Curitiba, não atingindo, evidentemente, o impacto crítico de um Person em **São Paulo S.A.**, mas mantendo-se numa diretriz bastante séria. É perceptível nesta fita de Silvio a característica estreante de seu diretor. Há falta de unidade na fita. Sua estrutura crítica tornou-se fragmentária pelo primarismo da montagem. Um filme subjetivamente político, na análise que seu autor efetua das três classes sociais — Reginaldo Faria (pequeno burguês, bancário) Irene Stefânia (comerciária, operária), Regina Duarte (Universitária, burguesa) — sem a dinâmica cinematográfica que o roteiro exigia. Mas o Paraná, graças ao esfôrço de Silvio Back, deve muito a **Lance Maior**, porque deu o primeiro passo estrutural para se lançar no mercado nacional, com condições de conseguir uma posição no mercado internacional.